

para as minhas culpas, como leves caricias. Meus tormentos de além-tumulo deveriam exceder os de Tântalo. E tudo porque andei espalhando umas anedotas lidas pelas consciências que, condenando-me hoje das suas sacristias, vivem pensando no céu, sentindo na boca um gosto rubro de pecado.

São as almas imaculadas que se esqueceram das minhas feições humanas, olvidando que os palhaços também divertem o público para conquistar os vinténs negros da vida. Se existem aí os que se confortam no luxo dos seus automóveis, deslizando no asfalto das avenidas, outros, para baterem á porta de uma padaria, é preciso que hajam passado através de um picadeiro.

Já tive ocasião de afirmar que não encontrei o paraíso mussulmano.

Encontrei nesse "outro mundo" a minha própria bagagem. Meus pensamentos, minhas obras, frutos dos meus labores, da minha regeneração no sofrimento. Sem estar na beatitude do céu, não conheço igualmente a topografia do inferno. Os uivos de Cérbero ainda não ecoaram aos meus ouvidos. O "nessun maggior dolor", que Dante escutou dos lábios de Francesca da Rimini, em sua peregrinação pelas masmorras do tormento, constituiu provavelmente um resultado da perturbação dos seus nervos auditivos, porque eu afirmo o con-

trário. Não ha maior prazer que recordar, na paz daqui, as nossas dores na Terra.

E todos aqueles que vêm á ribalta, lamentando o meu relativo socego, cuidem de conservar a sua pureza. A Terra é tão inçada de abismos que, ás vezes, procurando olhar em excesso pelos que nos acompanham, costumamos cair neles.

Eu sou de facto grande culpado, não pelos meus esgares de caveira para arrancar o riso dos outros, mas diante da minha consciencia, pela minha teimosia e incompreensão referentes aos problemas da verdade. Todavia, Deus é a misericórdia suprema e, sem me acorrentar a colunas incandescentes, já prendeu o meu coração de filho pródigo nas algemas suaves do seu amor.

5 de Agosto de 1935.

OH! JERUSALÉM!... JERUSALÉM!

É possível a estranheza dos que vivem na Terra, com respeito á atitude dos desencarnados, esmiuçando-lhes as questões e opinando sobre os problemas que os inquietam.

É logico, porém, que os recém-libertos do mundo falem mais com o seu cabedal de experiencias do passado, que com a sua ciencia do presente, adquirida á custa de faculdades no-

vas, que o homem não está ainda á altura de compreender.

Podem imaginar-se na Terra determinadas condições da vida sobre a superfície de Marte; mas, que interessa, por enquanto, ao mundo semelhantes descobertas, se os enigmas que o assoberbam ainda não foram decifrados? Para o exilado da Terra, não vale a psicologia do homem desencarnado. Tateando na prisão escura da sua vida, seria quasi um crime aumentar-lhe as preocupações e ansiedades. Eu teria muitas coisas novas a dizer; todavia, apraz-me, com o objeto de me fazer compreendido, debruçar nas bordas do abismo em que andei vacilando, subjugado nos tormentos, perquirindo os seus logogrifos inextricaveis, para arrancar as lições da sua inutilidade.

Tambem o homem nada tolera que venha infringir o metro da sua rotina.

Presumindo-se rei na criação, não admite as verdades novas que esfacelam a sua corôa de argila.

Os mortos, para serem reconhecidos, deverão tanger a tecla da mesma vida que abandonaram.

Isso é intuitivo.

O jornalista, para alinhar os argumentos da sua cronica, busca os noticiarios, aproveita-se dos acontecimentos do dia, tirando a sua ilação das occorrencias do momento.

E meu espirito volve a contemplar o espetaculo angustioso dessa Abissinia, abandonada no seio dos povos, como o derradeiro reduto da liberdade de uma raça infeliz, cobicada pelo imperialismo do seculo, lembrando-me de Castro Alves, nas suas amarguradas "Vozes d'Africa":

*Deus, oh! Deus, onde estás que não respondes?
Em que mundo, em que estrela tu te escondes,
Embuçado nos céus?*

*Ha dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde, desde então, corre o infinito.*

Onde estás, Senhor Deus?

Da Roma poderosa partem as caravanas de guerreiros. Cartago agoniza no seu desgraçado heroismo. Publio Cornelio consegue a mais estrondosa das vitorias. Os cerebros dos patricios illustres embriagam-se no vinho do triunfo; e nas galeras suntuosas, onde as aguias simbolizam o orgulhoso poder da Roma eterna, lamentam-se os escravos nos seus nefandos martirios.

Os cesares enchem a cidade das Sabinas de troféus e glorias. Todos os deuses são venerados. Os paizes são submetidos e os povos entoam o hino da obediência á senhora do mundo.

Já não se ouve a melodiosa flauta de Pan nos bosques da Tessalia e nas margens do Nilo

apagam-se as luzes dos mais suaves misterios.

Vítima, porém, dos seus proprios excessos, o grande imperio vê apressar-se a sua decadencia. No esboroamento dos seculos, a invencivel potencia dos cesares é um montão de ruínas. Sobre os seus marmores suntuosos crescem as destruições.

Roma dormiu o seu grande sono.

Ei-la, contudo, que desperta.

Mussolini deixa escapar um grito do seu peito de ferro e a Roma antiga acorda do letargo, reconhecendo a perda dos seus imensos dominios.

Urge, porém, recuperar o poderio, empenhando-se em alargar o seu imperio colonial.

Onde e como?

O mundo está cheio de leis, de tratados de amparo reciproco entre as nações.

A França já ocupou todos os territorios ao alcance das suas possibilidades, a Alemanha está fortificada para as suas aventuras, o Japão tem as suas vistas sobre a China e a Inglaterra, calculista e poderosa, não pode ceder um milimetro no terreno das suas conquistas.

Mas, Roma quer a expansão da sua força economica e prepara-se para roubar a derradeira ilusão de um povo desgraçado, ao qual não basta a lembrança amarga dos cativeiros multi-seculares, julgando-se livre na obscura

faixa de terra para onde recuou, batido pela crueldade das potencias imperialistas.

Que mal fizeste á civilização corrompida dos brancos, oh! pequena Abissinia, grande pela expressão resignada do teu ardente heroismo?

Como pudeste, das areias calcinantes do deserto, onde apuras o teu espirito de sacrificio, penetrar nas instituições européas, provocando a furia das suas armas?

Deixa que passem sob o teu sol de fogo as hordas de vandalas, sedentas de chacina e de sangue.

Sobre as tuas esperanças malbaratadas derramará o Senhor o perfume da sua misericordia. Os humildes têm o seu dia de bemaventurança e de gloria.

Não importa sejam o joguete dos caprichos condenaveis dos teus verdugos, porque sobre o mundo todas as fronte orgulhosas descerain do pináculo da sua grandeza para o esterquilinio e para o pó.

Se tanto for preciso, recebe sobre os teus ombros a mortalha de sangue, porque, junto do maravilhoso imperio da civilização apodrecida dos brancos, ouve-se a voz lamentosa de um novo Jeremias: — Oh! Jerusalém... Jerusalém!...

11 de Agosto de 1935.